

PRÓLOGO

Marblehead, Massachusetts

Final de Dezembro 1681

Peter Petford enfiou uma comprida colher de pau no caldeirão de ferro com lentilhas que fervia a fogo lento, suspenso sobre o lume, e tentou afastar a preocupação do seu estômago. Aproximou o seu banquinho baixo para mais perto da lareira e inclinou-se para a frente, um cotovelo apoiado no joelho, respirando o perfume de vagens cortadas ao meio estufadas, misturado com o de madeira de macieira a arder. O odor reconfortou-o um pouco, convencendo-o de que esta noite era uma noite normal, e a sua barriga soltou um gorgolejo impaciente quando retirou a colher para ver se as vagens estavam suficientemente cozidas para se poderem comer. Não sendo homem dado a reflexões, Peter animou-se, dizendo para si mesmo que não havia nada de mal com o seu estômago que uma tigela cheia de vagens não pudesse curar. Aquela mulher também deve bastar, pensou, com ar carrancudo. Nunca fizera uso de gente engenhosa, mas a tiazinha Oliver insistira nisso. Dissera que os elixires desta mulher curavam quase tudo. Tinham-lhe contado

que, uma vez, ela fizera uma magia para encontrar uma criança perdida. Peter resmungou para si mesmo. Ia fazer uma tentativa com ela. Só desta vez.

Do canto daquela divisão estreita e escura saiu um pequeno queixume e Peter levantou os olhos do caldeirão fumegante, rugas de ansiedade tornando-se mais fundas entre os seus olhos. Empurrou um dos lenhos da lareira com um atizador, soltando um rodopio crepitante de faúlhas e uma coluna cinzenta de fumo novo, depois levantou-se do banquinho, endireitando-se.

– Martha? – murmurou. – Estás acordada?

Mais nenhum som saiu das sombras, e Peter deslocou-se suavemente em direcção à cama onde a filha estivera deitada a maior parte da semana. Afastou a pesada cortina de lã que pendia das colunas do leito e baixou-se sobre a beira do rugoso colchão de penas, tendo cuidado para não chocar com ele. A luz envolvente da lareira varreu os cobertores de lã, iluminando um pequeno rosto pálido enquadrado por um emaranhado de cabelo loiro. Os olhos nesse rosto estavam meio abertos, mas vidrados e sem ver. Peter alisou o cabelo onde jazia espalhado pelo duro travesseiro. A minúscula rapariguinha soltou um suspiro fraco.

– O estufado está quase pronto – disse ele. – Vou buscar te um pouco dele.

Enquanto despejava a comida quente com a concha para um



O LIVRO DE FEITIÇOS
DE DELIVERANCE DANE

Katherine Howe

PLANETA

| **O LIVRO** |

Esta é a primeira obra da autora. Rapidamente se tornou Best Seller do New York Times, tendo igualmente sido nº 1 do Wall Street Journal e da cadeia de livrarias Barnes & Noble. A narrativa oscila entre a época da condenação à morte das Bruxas de Salem, 1662, e a actualidade, no ano de 1991. À semelhança da sua autora, parte da figura de uma investigadora que tem de fazer pesquisas para a sua tese académica. Uma chave e um livro vão ser o passaporte para Connie Goodwin perceber como está mais ligada ao passado do que pensa.

prato de barro pouco fundo, Peter sentiu um fulgor de raiva impotente a erguer-se no seu peito. Rangeu os dentes para contrariar essa sensação, mas ela permaneceu atrás do seu esterno, fazendo-o respirar rápida e pouco profundamente. Que sabia ele para poder ajudar a menina?, pensou. Cada elixir que experimentava só a deixava mais adoentada. A última palavra que ela dissera fora três dias antes, quando gritara de noite por Sarah. Instalou-se novamente ao lado da cama e meteu uma colherzinha das vagens quentes na boca da criança. Ela sorveu a debilmente, um pequeno pingo castanho escorrendo-lhe do canto da boca para o queixo. Peter limpou o com o polegar, ainda enegrecido com a fuligem da fogueira da cozinha. Sempre que pensava em Sarah sentia um aperto destes no peito.

Baixou os olhos para a menina na sua cama, vigiando-a atentamente enquanto as pálpebras dela se fechavam. Desde que ela adoecera, Peter dormia no soalho de pranchas de pinho, deitado no colchão de palha coberto de bolor. A cama era mais quente, mais próxima da lareira, e coberta por colgaduras de lã trazidas directamente para ali, da Ánglia Oriental, pelo seu pai. Um ar sombrio atravessou o rosto de Peter. A doença, ele sabia disso, era um sinal do desfavor do Senhor. Seja o que for que aconteça à menina, será a vontade de Deus, pensou. Por isso, ficar zangado com o sofrimento dela deve ser um pecado, porque isso seria ficar zangado com Deus. Sarah tê-lo ia incentivado a rezar pela salvação da alma de Martha, para que ela fosse redimida. Mas Peter estava mais acostumado a concentrar-se nos problemas da agricultura dos que nos religiosos. Talvez não fosse tão bom como Sarah o fora. Não conseguia aprofundar que pecado Martha poderia ter cometido nos seus cinco anos para trazer este ataque sobre ela, e nas suas orações ele descobria-se a exigir uma explicação. Não pedia a redenção da filha. Suplicava apenas para que ela se curasse.

Confrontando-se com este espectáculo do seu próprio egoísmo, Peter encheu-se de raiva e de vergonha. Juntou os dedos, observando o rosto adormecido dela. – Há certos pecados que fazem de nós diabos – dissera o ministro na reunião dessa semana. Peter apertou a cana do nariz, piscando os olhos enquanto tentava lembrar-se de quais eram esses pecados.

Ser um mentiroso ou um homicida, era um deles. Martha fora uma vez apanhada a esconder um gatinho sujo no armário da família e, quando questionada por Sarah, afirmara não saber nada de quaisquer gatinhos. Mas isso dificilmente poderia ser uma mentira no sentido que o ministro lhe dava.

– Há certos pecados que fazem de nós diabos – dissera o ministro na reunião dessa semana. Peter apertou a cana do nariz, piscando os olhos enquanto tentava lembrar-se de quais eram esses pecados.

Ser um mentiroso ou um homicida, era um deles. Martha fora uma vez apanhada a esconder um gatinho sujo no armário da família e, quando questionada por Sarah, afirmara não saber nada de quaisquer gatinhos. Mas isso dificilmente poderia ser uma mentira no sentido que o ministro lhe dava.

– Há certos pecados que fazem de nós diabos – dissera o ministro na reunião dessa semana. Peter apertou a cana do nariz, piscando os olhos enquanto tentava lembrar-se de quais eram esses pecados.

Ser um caluniador ou acusador das coisas divinas era outro. Ser um tentador para o pecado. Ser um adversário da religiosidade. Sentir inveja. Ser um bêbedo. Ser orgulhoso.

Peter baixou os olhos para a pele frágil, quase transparente, das faces da filha. Fechou uma das mãos num punho cerrado, pressionando os nós dos dedos na palma da outra mão. Como podia Deus fazer com que uma inocente expiasse tais tormentos? Por que é que desviara o Seu rosto dela?

Talvez não fosse a alma de Martha que estivesse em perigo. Talvez a criança estivesse a ser punida pela orgulhosa falta de fé do próprio Peter.

Enquanto esse medo incómodo florescia no seu peito, Peter ouviu cascos de cavalo na lama, aproximando-se a descer a ruela e parando diante da sua casa. Vozes abafadas, de homem e mulher, trocaram palavras, ouviu-se o ranger de uma sela de cabedal e depois um espadanar surdo. Deve ser Jonas Oliver com aquela mulher, pensou Peter. Ergueu-se da cabeceira da cama precisamente no momento em que uns nós de dedos batiam ligeiramente na sua porta.

No seu alpendre, envolta numa capa de lã com capuz reluzindo na bruma do fim de tarde, encontrava-se uma jovem mulher com um rosto suave e franco. Carregava um pequeno saco de pele nas mãos e o seu rosto estava emoldurado por uma coifa branca ondulada que desmentia a viagem de vários quilómetros que fizera. Atrás dela, nas sombras, encontrava-se a conhecida corpulência de Jonas Oliver, pequeno proprietário rural como ele e vizinho de Peter.

– Senhor Petford? – perguntou a jovem mulher, olhando rapidamente para o rosto de Peter. Ele assentiu. Ela lançou-lhe um sorriso encorajador enquanto afastava energicamente as gotículas de água da capa e a passava por cima da cabeça. Pendurou a capa num cabide de madeira ao lado da dobradiça da porta, alisou a saia amarrotada com as duas mãos, depois atravessou rapidamente a pequena divisão singela e ajoelhou-se ao lado da menina na cama. Peter observou-a durante um instante, depois vi-



rou-se para Jonas, que se encontrava parado à porta, igualmente molhado, assoando com força o nariz num lenço.

– Uma noite horrível – disse Peter, à maneira de saudação. Jonas respondeu com um grunhido. Voltou a meter o lenço na manga e bateu com os pés para soltar a lama das botas, mas não se aventurou a entrar na casa.

– Alguma virtualha antes de te ires embora? – ofereceu Peter, esfregando uma mão distraidamente na nuca. Não tinha a certeza se queria que Jonas aceitasse a sua oferta. A companhia dele iria distraí-lo, mas o seu vizinho estava ainda menos inclinado do que ele a fazer conversa vã. Sarah dizia sempre que, se uma carroça passasse por cima do pé de Jonas Oliver, ele nem sequer faria uma careta.

– A tiazinha Oliver deve estar à espera.

Jonas declinou a oferta com um encolher de ombros. Deu uma olhadela através do quarto para onde a jovem mulher estava inclinada, sussurrando para a menina na cama. Junto aos seus joelhos encontrava-se sentado um cãozinho atento, desganhado, com uma corbaça entre o castanho e o bronze, rodeado por marcas de patas enlameadas nas tábuas do soalho. Jonas perguntou-se vagamente onde é que ela teria transportado o animal na sua longa viagem; ele não dera por isso e o saco de pele dela parecia dificilmente ter o tamanho suficiente para esse fim. Rafeiro tinho, pensou. Deve ser da pequena Martha.

– Então aparece por cá durante a manhã – disse Peter. Jonas concordou, tocou na aba do seu pesado chapéu de feltro e retirou-se para o interior da noite.

Peter instalou-se novamente no banquinho baixo perto do fogo moribundo da lareira, o prato de estufado a arrefecer na mesa perto do seu cotovelo. Apoiando o queixo no punho, observou a estranha jovem mulher a acariciar a testa da filha com uma mão branca e escutou o murmúrio suave e indistinto da sua voz. Sabia que devia sentir-se aliviado por ela estar ali. Falava-se muito dela na aldeia. Agarrou-se a esses pensamentos, espremendo os paraver que pequena segurança podia obter deles. Contudo, à medida que os seus olhos se começavam a turvar com o cansaço e a preocupação, e a sua cabeça se tornava mais pesada no seu braço, a visão da sua pequenina filha encolhida na cama, a escuridão introduzindo-se à volta dela, encheu-o de pavor.

| A AUTORA |

Katherine Howe é descendente de Elizabeth Howe, enforcada como bruxa em 1692, e de Elizabeth Proctor, que escapou da execução por estar grávida na época (é uma das personagens da peça "As Bruxas de Salem", de Arthur Miller). Vive em Marblehead, Massachusetts e é formada pela Kinkaid School e Universidade da Colúmbia. Começou a escrever ficção enquanto trabalhava na sua tese de doutoramento, em Estudos Americanos e da Nova Inglaterra, na Universidade de Boston. Juntamente com o seu marido, o economista Louis Hyman, integra um grupo informalmente conhecido como "Springfield Street Table," constituído por um conjunto de escritores e académicos que partilham o gosto pela escrita, mas também pelo poker.